



## **A LGBTTFOBIA NAS ESCOLAS DO ENSINO BÁSICO.**

**RAMON ROBERTO DE JESUS BARROSO (1);**

Graduando em pedagogia

Universidade do Estado do Pará

robertoramon787@gmail.com

**ELAYNE DE NAZARÉ ALMEIDA DOS SANTOS (2)**

Mestra em educação

Universidade do Estado do Pará

elaynenas@gmail.com

### **Resumo**

Esta pesquisa tem como objetivo pesquisar a LGBTTFobia e suas consequências as (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgêneros) estudantes do ensino básico. Essa prática de violência, ainda muito recorrente em vários espaços sociais, atinge os estudantes que se auto identificam com múltiplas identidades e não aceitam seguir padrões heteronormativos impostos por uma sociedade que se diz heterossexual. Para tanto, tem-se como metodologia uma pesquisa qualitativa, dividida em dois momentos: no primeiro momento à pesquisa bibliográfica com base nos autores Castro (2004), Junqueira (2009), Louro (1997) (2007), Monken (2014), no segundo momento houve a realização de entrevistas e aplicação de questionários a quatro estudantes que se declaram pertencentes ao público LGBTTT, aqui identificados com nomes fictícios de P.1, P.2, P.3,P.4. A dificuldade na socialização com colegas e professores, o isolamento, a depressão, a vulnerabilidade física, a evasão escolar, baixo rendimento, são algumas das consequências que esses jovens sofrem durante a vida estudantil.

**Palavras-Chave:** LGBTTFobia. Escola. Jovens estudantes.

### **Introdução**

Esta pesquisa tem como objetivo geral pesquisar a LGBTTFobia e suas consequências as (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, travestis e transgêneros) estudantes do ensino básico.

Desta forma, a pesquisa tem como relevância social mostrar como a escola reproduz o preconceito contra os sujeitos que fogem do padrão heteronormativo, gerando assim discussões para que possa-se amenizar esta situação, demonstrando as implicações psicossociais, causada pela violência que sofrem os sujeitos que se identificam com uma sexualidade homoafetiva e demais variantes nas escolas do ensino básico, apresentando propostas para que a escola inclua temas como a diversidade sexual desde as séries iniciais no currículo, bem como trabalhar de modo pedagógico esta inclusão.



Numa perspectiva de construção social e histórica, a LGBTTfobia baseia-se em rígidos modelos de ordenação sócio sexual (prevalecendo o binômio macho/fêmea), em valores e comportamentos padrões para cada sexo, levando a abundantes ações contra os indivíduos que se “desviam dessa norma”, pois nossa sociedade ainda vive de acordo com estereótipos de gênero. Segundo Monken (2014) essa construção histórica e cultural heteronormativa e sexista são influenciadas por valores judaico-cristãos, que predominaram no período medieval e até hoje influência a sociedade e normatizam o corpo e a sexualidade das pessoas.

Nesse caso, a LGBTTfobia caracteriza-se pela aversão, rejeição e negação aos homossexuais como os gays, lésbicas, travestis, transexuais e bissexuais, partindo de influências religiosas, esteriotipos que normatizam os corpos dentro de nossa sociedade e legitimam o preconceito em relação às mulheres, aos LGBTTs e etc.

Podemos notar que essas violações sofridas no meio social, se refletem em outras instituições sociais, podemos destacar entre elas a escola, que funciona como uma das principais responsáveis por reproduzir a LGBTTfobia.

### **Referencial teórico**

Pouco se sabe sobre a violência sofrida pelos LGBTTs dentro das escolas, na maioria das vezes esses fatos são mascarados pela gestão escolar e pelos professores. Segundo Castro, Abramovay e Silva (2004)

Privilegia-se, nesta seção, um tipo de violência pouco documentado quando se tem referência à escola, a homofobia, o tratamento preconceituoso, as discriminações sofridas por jovens tidos como homossexuais, sendo que, muitas vezes, os professores não apenas silenciam, mas colaboram ativamente na reprodução de tal violência(P.277).

Essa situação torna-se contraditória, pois a escola deveria ser aquela instituição deveria ser responsável por ensinar o respeito a todos os seres humanos e formar um sujeito tolerante e austero, assim, estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LEI Nº 9394/96, em que a escola deve exercer um papel socializador e humanizado levando os indivíduos à cidadania plena. Nessa perspectiva, trabalhar esse conceito é fundamental para que uma sociedade respeite o "diferente".

A partir da década de 1990 a diversidade sexual ganha espaço nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais), como abordagem de tema transversal, assim a escola ganha respaldo para discutir o tema em sala de aula como necessário a formação do sujeito.



## ABAETETUBA-PA

Ao tratar do tema Orientação Sexual, busca-se considerar a sexualidade como algo inerente à vida e à saúde, que se expressa desde cedo no ser humano. Engloba o papel social do homem e da mulher, o respeito por si e pelo outro, as discriminações e os estereótipos atribuídos e vivenciados em seus relacionamentos[...] (BRASIL, 2001, P.73)

Pode-se também destacar nos PCNs as orientações para que se possa incluir no currículo e trabalhar da melhor maneira esse tema

[...]a importância de se incluir Orientação Sexual como tema transversal nos currículos, isto é, discorre sobre o papel e a postura do educador e da escola, descrevendo, para tanto, as referências necessárias a melhor atuação educacional ao se tratar do assunto, trabalho que se diferencia do tratamento da questão no ambiente familiar. (BRASIL, 2001, P.73)

Nesse sentido podemos notar que a escola possui um respaldo para o debate do tema, mesmo que não especifique temas como a homofobia, o que de fato não tem acontecido, Segundo Junqueira (2009) a escola figura como um lugar de opressão, discriminação e preconceitos, apresentando um quadro preocupante de violência contra os LGBTTs, onde as vítimas são tratadas de maneiras distintas num processo onde são levados a autocupabilização, negação e auto-aversão a sua sexualidade.

Castro, Abramovay e Silva (2004) mostram em sua pesquisa em escolas brasileiras de ensino fundamental e médio que cerca de ¼ dos alunos indicam não desejar ter um colega homossexual em sua turma.

### Resultados e discussões

De acordo com o item 1 do questionário, durante a trajetória escolar você sofreu algum tipo de violência por causa de sua orientação sexual? Qual tipo de violência? Todos os sujeitos da pesquisa afirmaram que sim, essa violência se manifestava na maioria das vezes na forma verbal.

Podemos observar essa violência verbal claramente nas respostas dadas pelos entrevistados: *“Sim. Nos corredores, principalmente xingamentos do tipo lã vem a “ bichinha”, o “veadinho”. (P.3), “Sofri violência sim. Na forma verbal, através de apelidos, piadas homofóbicas, olhares por parte de professores e colegas de turma. ” (P.4)*

Segundo Junqueira (2009) tratamentos preconceituosos, medidas discriminatórias, ofensas, constrangimentos, ameaças e agressões físicas ou verbais têm sido uma constante na vida escolar e profissional de jovens e adultos LGBTT. Essas pessoas vêm-se desde cedo às voltas com uma “pedagogia do insulto”, construída de piadas, brincadeiras, apelidos, insinuações, expressões desqualificadas – poderosos mecanismos de silenciamento e dominação simbólica desses sujeitos.



No item 2, quem cometia esse tipo de violência? Os sujeitos da pesquisa foram bem claros ao afirmarem que essa violência partia principalmente de outros alunos, mas também por parte de professores. É o que percebemos no relato a seguir: *“Geralmente por parte de colegas de turma, mas também percebia a hostilidade de alguns professores homens comigo.” (P.3)*

Nesse sentido, percebemos uma situação bastante preocupante que parte de professores e da gestão escolar, que ao invés de combaterem a LGBTTfobia, contribuem cometendo ou silenciados essas situações, por meio de olhares, gestos ou da manifestação verbal. Castro, Abramovay e Silva (2004) destacam que

Alguns professores comentam que, apesar de abordarem a questão da homossexualidade pelo lado do respeito humano, é bastante difícil lidar com o assunto, pois os alunos sempre levam para a brincadeira. Já outros assumem uma postura de distanciamento e assim de cumplicidade passiva com a violência contra jovens tidos como homossexuais – *cada um é, pode ser como quiser* ou como um tema que não é de sua alçada. (p.288)

No item 3, essa violência surtiu alguma consequência em sua vida social? Todos os sujeitos responderam que sim, isso gerou muitas implicações negativas, como a dificuldade em socialização, a limitação comportamental, gerando até situações de agressões físicas, podemos notar nos seguintes relatos *“Com certeza. Cheguei até a brigar na escola, por causa disso” (P.2)*, *“Sim. Limitação do meu comportamento e de pensamento, eu achava que estava errado” (P.4)*

Junqueira (2009) enfatiza que essa violência tende a ser maior entre os transexuais e travestis, que se somam a chacota e zombaria de vizinhos, parentes e desconhecidos, havendo uma negação de direitos, o impedimento de participar de determinadas atividades. Nesse sentido podemos notar uma fragilidade emocional desses sujeitos, para que se mantenham na escola e consequentemente os leva a uma conturbada vida social.

Sobre o item 4, essa violência surtiu alguma consequência em sua vida escolar? A maioria dos entrevistados responderam que sim, apresentando reações diversas as essas agressões, como relataram os entrevistados: *“Sim, dificuldades em apresentar trabalhos e me expressar. Pensei em parar de estudar, além disso, sofria também preconceito em casa.” (P.2)*, *“Sim, o fato de sofrer agressões verbais, pensei em desistir até mesmo por medo das agressões físicas.” (P.4)*

Sobre esses fatos, Junqueira (2009) pontua que a homofobia embora cause efeito sobre todo um alunado, sentirá maiores consequências nas trajetórias educacionais e formativas de jovens que estão em processo de construção de sua identidade sexual e de gênero. Entre essas consequências o autor destaca a privatização de direitos, afeta a socialização entre os alunos, e na relação professor-



aluno, assim como interfere no rendimento escolar levando a distorção idade-série e evasão escolar, causando também isolamento, intimidação e vulnerabilidade física e psicológica.

A respeito, do item 5 do questionário, alguma vez seus professores falaram sobre diversidade sexual em sala de aula? Os sujeitos responderam que não ou talvez, o que evidenciou o papel excludente do professor, que evita falar sobre o referido tema. Os entrevistados relataram que *“Não, durante o colégio não tive nenhum contato com qualquer tipo de discussão sobre sexualidade ou orientação sexual.”* (P.1), *“Na sétima série o professor conversou sobre sexualidade, por conta da disciplina, no entanto não adentrou na diversidade sexual.”* (P.4)

Nesse sentido, segundo Carneiro e Silva (2011) a abordagem sobre a diversidade sexual não pode ser tratada apenas como uma questão biológica na disciplina de ciências naturais, o que torna o tema superficial. Mas é dever da escola trabalhar a importância da transversalidade do tema, para evitar-se uma sociedade inconsciente e intolerante.

Castro, Abramovay e Silva (2004) ainda destacam que não pode haver uma omissão sobre o debate desse assunto, o que contribui para a permanência da homofobia, pois quando isso acontece dá a impressão que é algo que não existe e todos podemos ser o que quisermos, só que isso vem carregado de preconceito e discriminação.

### **Considerações finais**

Refletindo sobre essas informações, chegamos à conclusão momentânea que a violência conta os LGBTTs no espaço escolar, deriva-se da violência que esses sujeitos sofrem no meio social, visto que a LGBTTfobia se baseia em uma construção histórico-social que padroniza os corpos e legitima a heteronormatividade.

Tais violações produzidas no campo social são refletidas na escola que reproduz a LGBTTfobia, efetuando de diferentes formas, que partem desde a violência verbal chegando até mesmo a agressões físicas, que produzem efeitos negativos para a vida social, escolar e gera também problemas psicológicos nesses sujeitos LGBTTs.

Entre tais implicações causadas pela LGBTTfobia na escola do ensino básico, podemos destacar a dificuldade na socialização com os demais alunos e professores, o isolamento, a depressão, a vulnerabilidade física, entre outros que levam o aluno muitas vezes a não ter um bom rendimento escolar e conseqüentemente a evasão escolar e uma conturbada vida social. É importante lembrar que assim como a escola reproduz essa violência ela também pode atuar no



combate, primeiro incluindo o tema no currículo que será trabalhado em sala de aula, promovendo formações aos professores, que poderão desenvolver a temática através de jogos, seminários, filmes, palestras, trazendo a família para participar dessas discussões.

## Referencias

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF, 1996.

\_\_\_\_\_. **Pluralidade cultural**: orientação sexual. 3.ed.Brasília: MEC, 2001. (Parâmetros Curriculares Nacionais; 10). Disponível em [portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf).

CARNEIRO, M.C. De A. C.; SILVA, P. C. C. . **Diversidade sexual**; o papel socializador da escola. Revista de educação COGENI. 20-39 julho dezembro, 2011.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M.; SILVA, L. B. . **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004. Pp. 277-303.

GOIS, João Bôsko Hora; SOLIVA, Thiago Barcelos. **A violência contra gays em ambiente escolar**. Revista espaço acadêmico- n.123, 2011. Disponível em <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/13899>, Acessado em 18 de abril de 2017.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade Sexual na Educação**: problematizações sobre a homofobia nas escolas. MEC/ UNESCO, Brasília, 2009. Pp. 12-53.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: \_\_\_\_\_. (Org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação**. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MONKEN, Eliane Maria Freitas. **Educação sem homofobia**: um olhar para a diversidade, 2014. Disponível em [blog.newtonpaiva.br/pos/educacao-sem-homofobia-um-olhar-para-a-diversidade/](http://blog.newtonpaiva.br/pos/educacao-sem-homofobia-um-olhar-para-a-diversidade/), Acessado em 18 de abril de 2017.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Saraiva, 201